

# ENTREVISTA

## Interregno estadunidense<sup>1</sup>

### Entrevista de Nancy Fraser a Alessandra Spano

#### Introdução

Professora de Ciências Sociais e Política da *New School University*, de Nova Iorque, Nancy Fraser é autora de, entre outros, *O velho está morrendo e o novo não pode nascer* (2020) e coautora de *Capitalismo em debate: uma conversa na teoria crítica* (2020). Nesta entrevista, Fraser analisa a crise geral da ordem social à luz da pandemia do Covid-19, discutindo a crise do cuidado e os protestos antirracistas contra a violência policial, mobilizados sob o slogan *Black Lives Matter*. Também é abordada a eleição de Joe Biden e a permanência do interregno devido à perda de hegemonia do neoliberalismo progressista.

*Alessandra Spano: Quais tendências você vê surgindo das crises social, sanitária e econômica produzidas pelo Covid-19? O que as reconstruções pós-pandemia podem nos dizer sobre a “crise do cuidado”<sup>2</sup>?*

**Nancy Fraser:** Tanto a pandemia quanto a resposta a ela representam a irracionalidade e a destrutividade do capitalismo. A crise do cuidado já estava evidente antes da epidemia do Covid, mas foi bastante exacerbada por ela. A condição pré-existente, por assim dizer, era o capitalismo financeirizado - a forma especialmente

---

1 Este texto é a tradução de uma versão inglesa da entrevista concedida por Nancy Fraser a Alessandra Spano, para *New Left Review*. O texto original “American Interregnum” foi publicado na *New Left Review - Sidecar* no dia 09 Abr. 2021, no sítio oficial da revista: <<https://newleftreview.org/sidecar/posts/american-interregnum>>. A entrevista foi traduzida ao português por Nicole Herscovici, mestranda em Ciência Política na Universidade de São Paulo e bolsista CAPES. E-mail: nicole.herscovici@usp.br.

2 A crise do cuidado conceitualizada por Fraser é consequência, simultaneamente, da redução da responsabilidade do Estado no âmbito da reprodução social, assim como da menor capacidade das trabalhadoras de realizar essas atividades. Para mais, ver Fraser (2016). (N. T.)

predatória que tem dominado os últimos quarenta anos, progressivamente erodindo nossa infraestrutura de assistência pública pelo desinvestimento, em nome da “austeridade”. Na verdade, toda forma de sociedade capitalista funciona permitindo que as empresas peguem carona no trabalho de cuidado não pago. Ao subordinar a geração de pessoas à geração de lucros, ela abriga uma tendência embutida para a crise da reprodução social.

Mas o mesmo é válido para a atual crise ecológica, que reflete a profunda dinâmica estrutural que estimula o capital a parasitar a natureza, sem se preocupar com sua recuperação ou reconstituição, desestabilizando periodicamente ecossistemas e as comunidades por eles sustentadas. O mesmo pode ser dito sobre nossa atual crise política, que reflete o severo enfraquecimento dos poderes públicos causado pelas megacorporações, instituições financeiras, revoltas fiscais por parte dos ricos, resultando na paralisia e no subinvestimento em infraestrutura essencial. Apesar de agravado pela neoliberalização, isso expressa a tendência à crise política que é imbricada a qualquer forma de sociedade capitalista. A crise do cuidado está inextricavelmente entrelaçada com outras disfunções - ecológica, política, étnico-racial - que se somam a uma crise geral da ordem social.

Os efeitos da Covid nos humanos seriam horríveis sob quaisquer condições. Mas foram exacerbados pelo fato de o capital ter canibalizado o poder público neste período - as capacidades coletivas que poderiam ter sido usadas para mitigar os efeitos da pandemia. Como resultado, a reação necessária foi atravancada em muitos países, incluindo os EUA, em decorrência de décadas de desinvestimento em infraestrutura essencial da saúde pública. Há uma tendência nos EUA de culpar o Trump. Mas isso é um erro. O desinvestimento já ocorre há décadas.

*AS: O governo Clinton nos anos 1990 deu os primeiros passos nessa direção.*

**NF:** Sim, uma série de governos - do Partido Democrata, mas também do Partido Republicano - promoveram o desinvestimento da infraestrutura essencial de saúde pública. Eles reduziram os estoques de equipamentos essenciais como os EPIs, ventiladores, máscaras de proteção, esgotaram capacidades vitais - rastreamento de contatos, armazenamento e distribuição de vacinas - e subfinanciaram instituições fundamentais, como centros de pesquisa, hospitais públicos, unidades de UTI, agências governamentais de saúde. Os cientistas estavam alertando sobre a probabilidade de outra epidemia viral, mas ninguém escutou. Então, quando o Covid chegou, os Estados Unidos estavam completamente despreparados. Não tínhamos praticamente nenhum rastreamento de contato - e ainda não temos, depois de mais de um ano [de pandemia]. As autoridades de saúde pública simplesmente não tinham capacidade de se organizar e ainda não conseguiram desenvolvê-la.

O colapso da rede de seguridade social já enfraquecida jogou todos os fardos de volta às famílias e comunidades - e especialmente às mulheres, que ainda fazem a maior parte do trabalho de cuidado<sup>3</sup> (*carework*) não remunerado. Sob o *lockdown*, as creches e escolas de repente foram transferidas para dentro das casas das pessoas, fazendo com que as mulheres assumissem esse fardo, além de outras responsabilidades - e o fizessem em pequenos espaços domésticos, incapazes de suportar tamanha carga. Muitas mulheres acabaram se demitindo de seus empregos para poderem cuidar de seus filhos e outros parentes; muitas outras foram demitidas. Um terceiro grupo de mulheres, sortudas o suficiente para manterem seus empregos e trabalharem remotamente de casa enquanto também realizavam o trabalho de cuidado, inclusive para crianças que não ficavam confinadas em casa, tiveram que levar o *multi-tasking* para novos patamares de loucura. Um quarto grupo, “trabalhadoras essenciais”, enfrenta o risco de infecção diariamente na linha de frente, temerosas de trazer o vírus para casa, para suas famílias, enquanto fazem o que precisava ser feito, muitas vezes por um salário muito baixo, para que outros, mais privilegiados, possam acessar os bens e serviços que precisam para se isolar em casa. Quais mulheres se enquadraram em qual grupo tem tudo a ver com classe e raça. É como se alguém tivesse injetado contraste no sistema circulatório do capitalismo, iluminando todas suas falhas constitutivas.

*AS: Nos Estados Unidos, a deflagração do Covid foi seguida por uma impressionante onda de protestos, em sua maioria liderados por jovens negros, contra a violência policial racista. O slogan Black Lives Matter<sup>4</sup> (Vidas Negras Importam) assumiu um significado diferente durante a pandemia?*

**NF:** Essa é uma pergunta importante. Por que o ressurgimento da atividade militante antirracista nos Estados Unidos coincidiu com a pandemia do Covid? O assassinato de pessoas negras<sup>5</sup> pela polícia vem acontecendo há muito tempo, assim como as lutas contra ele. Então por que os protestos se tornaram tão grandes e contínuos naquele exato momento, em meio a uma terrível crise sanitária? Alguns têm sugerido que os meses de *lockdown* criaram uma intensa pressão psicológica, que encontrou uma mais necessária válvula de escape nas ruas. Mas eu acho que há razões mais profundas,

<sup>3</sup> O conceito de *carework* diz respeito mais amplamente ao trabalho de reprodução social, abrangendo não apenas o cuidado de crianças, parentes debilitados e idosos, como também da manutenção de laços sociais em geral. Para mais, ver Fraser (2020c). (N. T.)

<sup>4</sup> Optou-se por manter ao longo do texto o nome original do movimento, já que o slogan traduzido, a saber, Vidas Negras Importam, foi apropriado por campanhas em redes sociais no Brasil que não são equivalentes ao movimento estadunidense. (N. T.)

<sup>5</sup> Fraser usa o termo *people of color*, que traduzimos em outros trechos da entrevista para pessoas não-brancas. Contudo, nesse caso optamos por traduzir para “pessoas negras” tendo em vista o contexto dos protestos mobilizados sob o slogan *Black Lives Matter*. (N. T.)

que provocaram grandes oportunidades de *insights* políticos. A compreensão de que essas duas aparentemente distintas expressões do racismo estrutural - a desigual vulnerabilidade à morte pelo vírus e à morte pela violência policial - estavam, na verdade, associadas, de que ambas estavam enraizadas no mesmo sistema social.

Quando os protestos eclodiram em maio de 2020, já estava nítido que os estadunidenses não-brancos, e negros em particular, estavam desproporcionalmente contraindo e morrendo de Covid. Eles receberam pior assistência médica e apresentavam uma taxa mais alta de comorbidades, ligadas à pobreza e discriminação e associadas a casos mais graves de Covid - asma, obesidade, estresse, pressão alta. Eles enfrentaram maiores riscos de exposição, graças aos empregos de linha de frente que não podiam ser realizados remotamente e às condições de moradia sobrelotada. Tudo isso tem sido amplamente divulgado na mídia. E ressoado na sociedade, conferindo um novo significado a *Black Lives Matter*.

O slogan circula desde 2014, quando o assassinato de Michael Brown pela polícia de Ferguson, Missouri, desencadeou o movimento em defesa das vidas negras (*Movement for Black Lives*). Desde então, houve muita organização, incluindo grupos de conscientização e de leitura, formando uma nova geração de combativos ativistas antirracistas, em especial de jovens não-brancos. Esse era o contexto, a atmosfera na qual as notícias do impacto racializado do Covid foram recebidas e processadas. Para além disso, veio o assassinato de George Floyd pela polícia de Minneapolis, em Minnesota, registrado para o mundo todo ver naquele vídeo enfurecedor e desolador. E assim a faísca foi acesa. Em outras palavras, o momento (*timing*) não foi coincidência.

A convergência da pandemia e dos protestos contra a violência policial expressou uma expansão, um aprofundamento do *Black Lives Matter*. Um primeiro nível de significado era o de que, se vidas negras realmente importassem para o sistema criminal de “justiça”, então as múltiplas formas de violência racializada em seu interior não existiriam. Quando a pandemia chegou, também passou a significar: vidas negras não deveriam ser desproporcionalmente perdidas e encurtadas por essa mistura letal de exposição à infecção e problemas de saúde pré-existentes - apontando também para condições estruturais subjacentes.

O impacto eleitoral do *Black Lives Matter* foi extremamente positivo, mais obviamente no estado da Geórgia, que virou de profundo vermelho para azul,<sup>6</sup> dando seus votos eleitorais ao Biden e trocando duas cadeiras do Senado, dando uma a um

---

6 Desde as eleições à presidência dos EUA de 2000, a cor vermelha é utilizada para referir-se ao eleitores ou estados que predominantemente votam no Partido Republicano e a azul para os eleitores ou estados que majoritariamente votam no Partido Democrata. Esse padrão foi estabelecido pelas mídias estadunidenses, mas as razões dessas cores em específico não são conhecidas. Para mais, ver Bump (2016) e Enda (2012). (N. T.)

afro-americano e outra a um judeu (o que é uma grande novidade no Sul profundo<sup>7</sup>) - e, portanto, entregando aos democratas o controle do Senado. As dinâmicas em ação aqui incluíram a repulsa suburbana branca contra Trump, assim como a participação maciça das pessoas negras. Participação esta sem dúvidas galvanizada pelo *Black Lives Matter*, mas também preparada por anos de militância voltada à promoção do comparecimento às urnas<sup>8</sup> naquele estado - o resultado do trabalho duro e contínuo de ativistas de base, como Stacey Abrams.

*AS: A derrota de Trump na eleição foi considerada uma vitória, mas não parece que o mesmo entusiasmo foi suscitado pela vitória de Biden. Como você lê o resultado das eleições americanas? O “neoliberalismo progressista” ganhou definitivamente contra o populismo reacionário do bloco de Trump e contra o populismo progressista de Sanders?*

**NF:** Nós continuamos, para usar os termos de Gramsci, em um interregno em que o velho está morrendo, mas o novo não tem como nascer. Em uma situação como essa, você tende a ter uma série de oscilações políticas, oscilações de vaivém entre alternativas esgotadas e que não são capazes de ter êxito. No momento, contudo, ainda não voltamos do Trumpismo para o “neoliberalismo progressista” em sua plenitude, personificado pelos governos Clinton e Obama. Isso ainda pode ocorrer, é claro, mas, por enquanto, o movimento do pêndulo de volta ao centro está sendo controlado pela fortalecida ala à esquerda do Partido Democrata. A derrota de Trump foi garantida por uma aliança entre o grupo de centro neoliberal do *establishment*,<sup>9</sup> a saber, a ala Clinton-Obama, e sua oposição populista de esquerda, representada pela ala Sanders-Warren-Alexandria Ocasio-Cortez (AOC).

É verdade que os centristas haviam arquitetado a expulsão brutal de Sanders do processo das primárias, apesar - ou por causa - de sua boa performance, a fim de abrir caminho para que o então cambaleante Biden se tornasse o candidato do Partido. Mas, diferentemente de 2016, as duas alas se coalesceram<sup>10</sup> para as eleições

7 No original, *deep South* refere-se não apenas à localização geográfica dos estados, mas ao compartilhamento de uma herança cultural, especialmente enraizada no seu histórico escravista e de segregação racial. (N. T.)

8 As campanhas do tipo *Get out the vote*, de comparecimento às urnas, são relevantes devido ao fato de nos EUA o voto ser facultativo. (N. T.)

9 *Establishment* aqui tem o sentido não apenas de ala dominante do Partido Democrata, mas de ser o grupo representante da ordem neoliberal estabelecida, isto é, aquele relacionado às grandes corporações, a *Wall Street*, etc. (N. T.)

10 Optou-se por traduzir literalmente o termo *coalescer*, apesar de pouco utilizado no português, para reforçar o sentido das concessões que caracterizam essa aliança entre as diferentes alas. Como Fraser argumenta, a ala Sanders cedeu ao apoiar Biden no período eleitoral e, em troca, a ala Biden cedeu em pontos centrais de sua agenda política. Neste sentido, não se trata apenas de um apoio ou uma aliança eleitoral. (N. T.)

gerais. A facção de Sanders deu apoio irrestrito a Biden contra Trump e, em troca, ganhou voz na formulação da agenda política.

O resultado é que os populistas progressistas e os neoliberais progressistas estão agora em uma coalizão. Os populistas são o elo mais fraco nessa aliança e não estão representados no gabinete de Biden. Não obstante, sua influência aumentou. Sanders agora lidera o poderoso Comitê de Orçamento do Senado e é frequentemente entrevistado nos canais nacionais de TV, o que é uma novidade - ele nunca foi tratado como um porta-voz ou comentarista central. Também “O Esquadrão”, o grupo da AOC no Congresso, dobrou seus números, vencendo algumas disputas parlamentares importantes nas eleições de 2020.

E na política interna, os centristas moveram-se para a esquerda. Os democratas em ambas as casas votaram unanimemente a favor do projeto de lei apresentado por Biden para alívio econômico devido aos impactos do Covid-19, no valor de US\$ 1,9 trilhão, que contém vários itens na lista de desejos do populismo progressista. Esse pacote reflete claramente a força e a influência da ala Sanders. Ainda assim, teve o apoio dos consultores econômicos de Biden, que, embora certamente não sejam “de esquerda”, representaram pelo menos uma ruptura parcial com os ex-alunos<sup>11</sup> do Goldman-Sachs que dirigiram o Departamento do Tesouro por décadas e nos trouxeram a financeirização. Liderada por Janet Yellen, a orientação da nova equipe é neo ou quase keynesiana; embora ainda comprometidos com o “livre comércio”, eles renunciaram, pelo menos temporariamente, à lógica de austeridade e priorizaram o pleno emprego em vez da inflação baixa.

O atual estado do governo Biden representa a formação de uma conciliação.<sup>12</sup> Sua política de (re)distribuição mescla alguns elementos reativados do pensamento do *New Deal* com o lado do livre comércio da economia política neoliberal, ao passo que sua política de reconhecimento inclui elementos meritocráticos e igualitários. Existem muitas tensões embutidas aqui, e elas estão fadadas a explodir mais cedo ou mais tarde. Resta saber quando e de que forma - e também se elas podem ser resolvidas e em que termos. Em geral, a aliança esquerda/liberal é instável e não durará para sempre. Mas o que exatamente a substituirá permanece incerto.

Uma variável-chave é até que ponto as políticas de Biden vão satisfazer a população que está cambaleando não apenas pelas consequências econômicas e sanitárias da pandemia, mas também pelas “condições pré-existentes”. Quarenta anos

---

11 No original, *alums* é utilizado com um duplo sentido: que, há décadas, os nomeados secretários do Departamento eram ex-executivos ou ex-CEOs do grupo financeiro Goldman Sachs; mas também que são seguidores da ideologia do capitalismo financeirizado representada pelo Goldman Sachs. Essa interpretação é bastante difundida. Adam Tooze (2018), por exemplo, usa o termo *Government Sachs* para se referir a essa ligação entre o Departamento do Tesouro e o grupo financeiro. (N. T.)

12 No original, *compromise*, tal como o termo *coalescer* utilizado anteriormente, tem o sentido não apenas de um acordo ou coalizão entre as duas alas do Partido Democrata, mas de que há concessões envolvidas de ambas as partes. (N. T.)

de desindustrialização e deslocalização [de empresas e empregos], financeirização, quebra de sindicatos, McEmpregalização, decadência da infraestrutura - assim como violência policial, devastação ambiental, destruição da rede de segurança social: tudo o que tem trabalhado para piorar as condições de vida dos pobres, da classe trabalhadora, e das classes baixas e médias.

Esses são os processos que provocaram a deserção em massa do “neoliberalismo progressista”, na revolta populista de duas faces em 2016 - Trump, de um lado, Sanders de outro. E ambos os movimentos continuarão, de uma forma ou de outra, enquanto esses processos continuarem. Por isso, o futuro da conciliação de Biden depende de sua habilidade de fazer concessões suficientes a favor da classe trabalhadora para manter os populistas de esquerda a bordo e enfraquecer os populistas de direita. Além disso, deve também manter feliz a classe de investidores. Não é um trabalho fácil.

*AS: A eleição de Kamala Harris provocou reações mistas na esquerda, entre os que enfatizam ter uma mulher negra como Vice-Presidente e aqueles que criticam seus posicionamentos passados sobre a pena de morte e o encobrimento de abusos de autoridade enquanto procuradora-geral da Califórnia. Qual é a sua análise?*

**NF:** Eu nunca fui uma grande fã do que Anne Phillips chamou de “política de presença”, isto é, a ideia de que eleger alguém que se parece com você - por exemplo uma mulher ou uma pessoa não-branca - é em si e por si uma grande conquista. Ninguém com um osso feminista em seu corpo apoiou Thatcher. Nós temos maior nitidez quanto a isso agora nos Estados Unidos, eu acho, após termos eleito um afro-americano para a Presidência em 2008. Muitas pessoas votaram com tremendas esperanças de uma grande mudança, que o candidato deliberadamente cultivou através de excepcional retórica de campanha. E o resultado foi uma profunda decepção. Uma vez no poder, Obama rapidamente abandonou o discurso inspirador e governou como um neoliberal progressista. Depois dessa experiência, ninguém que pensa de forma mais aprofundada sobre a política sentirá muito entusiasmo com a ascensão de Harris à Vice-Presidentência. Nós temos um velho ditado: “se me enganar uma vez, a culpa é sua; se me enganar pela segunda vez, a culpa é minha”.

De qualquer forma, Harris - diferentemente de Obama - não é nem uma incógnita política, nem uma excelente oradora. Ela tem um longo histórico político como promotora e administradora “dura com o crime” - e como uma ambiciosa operadora política. Você teria que ser deliberadamente cego para ver ela como um farol de “esperança e mudança”. Por outro lado, ela é bastante inteligente e flexível, boa em ler as folhas de chá e ajustar seu percurso de acordo com isso. Ela poderia possivelmente se mover um pouco à esquerda se esse percurso servir à sua

ambição, o que inclui a Presidência, cargo para o qual ela está sendo agora preparada enquanto braço direito de Biden e sua suposta sucessora. Contudo, considerando que ela é alguém que dança conforme a música, é mais importante analisar a música.

Quando a conciliação de Biden colapsar, como há de acontecer, os liberais provavelmente vão atacar a esquerda e tentar ressuscitar o neoliberalismo progressista sob uma nova roupagem, bem como as forças do *Make America Great Again (MAGA)*<sup>13</sup> buscarão ressuscitar a alternativa populista-reacionária. Quando chegar a esse ponto, a esquerda enfrentará uma encruzilhada. Em um cenário, a esquerda dobraria a aposta nas formas de políticas identitárias superficiais que impulsionam a cultura do cancelamento e o fetichismo da diversidade. Em outro cenário, faria um esforço expressivo para construir uma terceira via, articulando uma política inclusiva de reconhecimento com uma política igualitária de redistribuição. A ideia seria separar os elementos pró-classe trabalhadora de cada um desses dois blocos e uni-los em uma nova coalizão anticapitalista, comprometida com a luta de toda a classe trabalhadora - não apenas para pessoas não-brancas, imigrantes e mulheres que apoiaram Sanders, mas também cortejando - com base em seus interesses econômicos - os que desertaram para Trump. Tal coalizão poderia ser entendida como uma versão de esquerda do populismo. Mas eu vejo menos como um ponto final e mais como um estágio de transição, a caminho de algo mais radical - uma transformação profunda e estrutural de todo nosso sistema social. Isso exigiria não apenas a política do populismo de esquerda, mas algo mais como um ecossocialismo democrático.

## Referências

- Bumb, P. (2016). *Red vs. Blue: A History of How We Use Political Colors*. The Washington Post. Recuperado de: <https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2016/11/08/red-vs-blue-a-brief-history-of-how-we-use-political-colors/>. Acesso em: 16 jun. 2021.
- Enda, Jodi. (2012). *When Republicans Were Blue and Democrats Were Red*. Smithsonian Magazine. Recuperado de: <https://www.smithsonianmag.com/history/when-republicans-were-blue-and-democrats-were-red-104176297/>. Acesso em: 16 jun. 2021.
- Fraser, N. (2016). Contradictions of capital and care. *New Left Review*, 100. Recuperado de: <https://newleftreview.org/issues/ii100/articles/nancy-fraser-contradictions-of-capital-and-care>. Acesso em: 10 mai. 2021.
- Fraser, N., & Jaeggi, R. (2020a). *Capitalismo em debate: Uma conversa na teoria crítica*. Tradução de Nathalie Bressiani. São Paulo, SP: Boitempo.

---

<sup>13</sup> *Make America Great Again* foi o slogan de campanha adotado por Donald Trump nas eleições presidenciais de 2016, e que passou a ser utilizado para referir-se ao então presidente, seus apoiadores e/ou sua agenda política. (N. T.)

- Fraser, N. (2020b). *O velho está morrendo e o novo não pode nascer*. Tradução de Gabriel Landi Fazzio. São Paulo, SP: Autonomia Literária.
- Fraser, N. (2020c). Taking care of each other is essential work [Entrevista concedida a Clio Chang]. *Vice*, 07 abr. 2020. Recuperado de: <https://www.vice.com/en/article/jge39g/taking-care-of-each-other-is-essential-work>. Acesso em: 10 mai. 2021.
- Fraser, N. (2021). American Interregnum. *New Left Review - Sidecar*, 09 abr. 2021. Recuperado de: <https://newleftreview.org/sidecar/posts/american-interregnum>. Acesso em: 10 abr. 2021.
- Tooze, A. (2018). *Crashed: How a decade of financial crises changed the world*. Nova Iorque, NY: Viking.